

PARA ALÉM DA COR: UMA ABORDAGEM ÉTNICO RACIAL NA OBRA “ A COR DA TERNURA”

Maxwilliam Domingues da Silva Lima¹

Resumo:

No presente trabalho iremos analisar o livro “A cor da ternura” da autora Geni Guimarães que aborda conflitos relacionados às questões étnico raciais, vivenciados pela personagem Geni. No referido livro, encontramos elementos para o desenvolvimento de atividades que visem o cumprimento da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Neste sentido, partimos de uma concepção de educação que se preocupe com o enfrentamento do racismo e a diminuição do preconceito no ambiente escolar. A partir da obra em análise, é possível desenvolver uma prática que proporcione uma reflexão sobre as relações étnico-raciais no Brasil, constituindo-se em um importante mecanismo para a construção da identidade negra na sala de aula.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; A cor da ternura.

¹Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba.

Introdução

No presente artigo, objetivamos analisar o livro “A cor da ternura” da autora Geni Guimarães, destacando a relevância da obra para a reflexão das relações étnico-raciais na sociedade brasileira como um todo e nas escolas em particular, e com isso, sublinhar a possibilidade de sua utilização em sala de aula como forma de cumprimento da Lei 10.639 de 2003². A referida legislação torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino do Brasil, elegendo as disciplinas de Educação Artística, Literatura e História como áreas especiais em que esta temática deve ser abordada. Neste sentido, partimos de uma concepção de educação que se preocupe com o enfrentamento do racismo e a diminuição do preconceito no ambiente escolar.

A referida lei propõe como conteúdo programático além da já citada História e Cultura Afro-Brasileira, a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, e ainda inclui no calendário escolar o dia 20 de Novembro como o dia da “consciência negra”, conteúdos estes, que objetivam construir além de uma identidade e do sentimento de pertencimento, objetiva também resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política.

O livro em estudo mostra-se como um importante material de apoio e instrumento didático para os professores de Língua Portuguesa que estejam atentos a aplicação da legislação citada anteriormente, porque nele encontramos elementos ricos para o desenvolvimento de atividades que visem o cumprimento da lei e uma prática que proporcione uma reflexão sobre as relações étnico-raciais no Brasil. A partir da leitura e análise da obra em destaque, é possível refletir sobre um importante aspecto da educação para as relações étnico-raciais presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana:

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. (BRASIL, 2004)

²A referida legislação já foi alterada e ampliada pela Lei 11.645/08, entretanto optamos por mencionar a legislação anterior, por entender que a mesma representou um marco nas lutas por uma igualdade étnico-racial.

A citação mostra, o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais que vise superar as práticas racistas da sociedade. É preciso emergir “as dores e os medos”, e a obra em análise é uma fonte de destaque para tanto.

Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana,

A educação das relações étnico-raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização da identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Sendo assim, para se desenvolver uma educação antirracista é necessário entender que, a escola é um *locus* por excelência de criação de uma sociedade desracializada, longe das construções distorcidas sobre a África e sobre o negro. E para isso podemos nos utilizar da literatura voltado para o público infantil.

A obra *A cor da ternura* aborda os conflitos relacionados as questões sócio-raciais, vivenciados pela personagem Geni, abordando a pobreza como um traço comum entre brancos e negros, e a simplicidade do cotidiano agrário, como ambientação do enredo. Tem como desfecho a superação da personagem diante de todos os conflitos e preconceitos estabelecidos no decorrer da narrativa, como é evidenciado pelo título, a cor é entendida como possuidora de ternura, que supera o racismo e constrói identidades. O trabalho ora apresentado é resultado das discussões na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil Ministrado pela Prof^a Dr^a Marilene Carlos do Vale Melo no Campus III da Universidade Estadual da Paraíba.

Desenvolvimento

Uma menina negra ao alimentar-se nos seios de sua mãe entre cocegas e brincadeiras faz a seguinte indagação: “– Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?”, a mãe apesar de surpresa a responde prontamente: “- Tinta de gente não sai.”. Esta menina é a nossa personagem Geni e a resposta dada por sua mãe que dá título a este trabalho, é emblemática e resume o caráter da obra ao valorizar sua condição ético-racial.

Podemos resumir da seguinte forma a obra analisada: A menina Geni, muito apegada à sua mãe e de onde busca alento no tamanho do seu amor, que pode ser mensurado pelo comprimento da extensão dos braços desta, perde o seu lugar para o seu irmão caçula que acaba de nascer, e daí inventa várias formas de chamar a atenção de sua mãe.

Cresce e começa ampliar os seus âmbitos sociais, chega o momento de ir à escola, local aonde ela sente ainda mais as questões conflituosas pela cor de sua pele. A menina vai crescendo e em diálogo com o seu pai, pobre homem negro e trabalhador rural, decide que será professora, já que esse é um dos únicos papéis cabíveis as mulheres perante a sociedade.

E terá que enfrentar cada vez mais seus conflitos e preconceitos, enfrentando aqueles que dizem que lugar de gente de cor é trabalhando duro, ou seja, o trabalho braçal, mas com sua força de vontade e superação, ela vence todas essas barreiras e realiza seu sonho de ser professora. Mostrando que o que nos define não é a cor da pele.

A partir desse breve resumo compreendemos que, em *A cor da ternura*, o peso da cor e da condição social são os elementos que norteiam toda a narrativa, e que nos leva a refletir sobre os mesmos conflitos vivenciados pela população negra em nossa sociedade atual. O preconceito é bastante abordado em relação a personagem Geni, por ser esta de família pobre e ainda ter o agravante de cor, algo que pesava muito em seu convívio social, e que a tornava social e racialmente diferente das outras crianças. Como podemos perceber nos trechos abaixo:

[...] Era a hora e a vez de expor o meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse?

- Assim não dá! – Gritou a professora. – Levantem a mão.

Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. (GENI, 1990, p. 60;61)

De acordo com a narrativa, percebe-se que o âmbito é rural, onde a pobreza e a simplicidade é um traço que une em senso comum Geni às outras crianças pobres e brancas. Enquanto a sua negritude a diferencia, a pobreza e a simplicidade é o elo que as une socialmente, porém, não é suficiente para apagar as marcas de sua cor. A simplicidade do cotidiano agrário é um elemento que reforça o aspecto da pobreza, pois este cotidiano é retratado sem regalias, pautado na simplicidade e centrado no trabalho braçal (agrário), de onde vem o sustento da família.

Outro ponto importante abordado pela obra em análise é a questão de ser pobre e branco. A pobreza, como já mencionamos anteriormente, é abordada como algo inerente, tanto a brancos como a negros. Mas será que nesse contexto, ser branco amenizaria essa condição social? Sim, ao passo que em alguns momentos da vida de Geni a pobreza aproxima-a de outras personagens, em um outro momento, a sua cor de pele a diferencia. Como é mostrado na obra que a cor da pele torna ainda mais conflituosa as relações estabelecidas dentro da própria narrativa. Esse conflito é retratado neste trecho:

Nisso ia passando por nós o administrado, que ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e lhe falou:

- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...”. (GUIMARÃES, 1990, p.73)

Toda obra está estruturada em cinco elementos principais e que dão forma à narrativa: o foco narrativo; o tema; o tempo; espaço e ação. O tema, como já foi mencionado anteriormente, aborda a questão da discriminação racial vivenciando pela personagem Geni, enquanto o foco narrativo aborda tanto o processo discriminatório e segregador como também os conflitos vivenciados pela mesma, além dos relacionados à sua cor, e que se processam desde sua infância até sua atuação profissional quando adulta.

O tempo é cronológico e sua estrutura é estabelecida no desencadeamento das ações vivenciadas pela personagem Geni ao longo da obra. O espaço da narrativa é físico e psicológico e tem a divisão em dois aspectos: espaços físicos onde decorre grande parte da narrativa e o psicológico em que ela viaja em sua mente. A ação se expressa na personagem Geni vivenciando momentos de preconceito e conflitos no decorrer da narrativa, percorridos em toda sua infância até a sua fase adulta, mas superando cada uma dessas barreiras impostas pela sua condição racial, na sua trajetória de vida.

A arma de luta para enfrentar seus conflitos, vem a ser sua força de vontade, e perseverança em enfrentar seus conflitos internos e externos, sem fugir de sua realidade, somando-se a tudo isso, o apoio que recebe de sua família. Sendo essa luta ainda mais acentuada futuramente na sua busca em se tornar professora como forma de orgulho para seu pai.

- Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...

Senti uma pena tão grande do meu velho, que nem pensei para perguntar:

- Pai, o que mulher pode estudar?

- Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.

- É, pai. Eu vou ser professora.

Queria que ele se esquecesse das durezas da vida. (GUIMARÃES, 1990, p.72)

No trecho acima citado, podemos ver um momento crucial da trajetória de Geni, em que ela decide ser professora para dar ao pai um motivo de orgulhar-se. Por outro lado, também podemos pensar, sobre o papel restrito da mulher da sociedade retratada, em que sua atuação estava limitada há algumas poucas profissões. Neste sentido, adiciona-se mais um elemento segregador, à trajetória de vida de nossa personagem, além de negra, pobre e mulher. Isso tudo reforça a ousadia de Geni e provoca no leitor a reflexão de que é possível vencer as barreiras sócio-raciais da sociedade.

Um elemento fundamental da obra é a relação que Geni estabelece com a sua mãe. Uma relação próxima, de muito afeto e apego, expresso nos primeiros diálogos da narrativa. Neste sentido, a personagem de bebê a criança é retratada com uma forte ligação materna. Esta transição é bastante turbulenta para a pequena Geni, em que ela desmama de sua mãe com a vinda do seu irmão Zezim. Este é o primeiro conflito vivenciado pela personagem, no qual, sentindo-se rejeitada pela mãe, fará de tudo pra ter as atenções voltadas novamente para ela.

Um momento mágico/lúdico da obra é o diálogo que Geni estabelece com a aranhinha. Um diálogo que aborda a questão do fantástico na obra, em que a personagem se surpreende com o fato da aranhinha falar com ela e no desencadear desse diálogo a personagem aprende que é necessário ver as pessoas com os “olhos de dentro” indo além de suas aparências.

O ingresso de Geni no ambiente escolar, é o momento em que os conflitos raciais são enfatizados, na obra. A escola é visto como reprodutora de práticas racistas vividas fora de seus muros e dependências. Onde ela se sentiu receosa em tudo e inferior aos colegas por ser a única negra em sua sala: “Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a

única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo.” (GUIMARÃES, 1990, p.65)

A partir da citação, é possível perceber, em primeiro lugar o momento histórico representado na obra, em que havia poucos alunos negros nas escolas, hoje felizmente temos uma presença muito maior de alunos(as) negros(as). Em segundo lugar, a representação social da população negra vista como “digna de compaixão, desprezo”. Este momento da narrativa é de fundamental importância para refletir sobre o papel da população negra na nossa sociedade.

Outro momento importante para tal reflexão é a relação entre o que Geni aprende na escola sobre a história dos escravos e as memórias narradas pela nhá Rosária. A professora constrói a imagem do negro enquanto vitimizado pelo sistema escravista que o oprime. Como podemos perceber no seguinte trecho: “Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte.” (GUIMARÃES, 1990, p.65). Apesar de descrever bem os horrores da escravidão impostas a população negra, a imagem construída pela professora em sua aula é algo negativo. O negro é tornado coisa.

Enquanto que nhá Rosária descreve o negro como ser humano que pensa e reage diante da adversidade, e isso gera um conflito na personagem. “Vi que sua narrativa não batia com a que fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.” (GUIMARÃES, 1990, p.65) Nas memórias de sua avó, o negro que havia se tornado escravo, torna-se novamente humano novamente. Este conflito de representações sobre a população negra é uma importante reflexão para ser empreendida em sala de aula.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados por Geni em seu cotidiano escolar, nada a impediu de sonhar ser professora. Ao torna-se professora, Geni leva consigo suas experiências, frustrações, medos, mas leva também, sua vontade de mostrar um outro olhar em relação a população negra. Encerra-se com Geni já em sua fase adulta, tendo superado seus inúmeros conflitos e preconceitos, tendo a concretização de seu sonho de ser professora: “Consegui numa escola substituição para o ano todo. Dar aulas em uma sala de primeira série [...]”. (GUIMARÃES, 1990, p.87).

Considerações finais

Podemos concluir que, de fato os preconceitos raciais estão presente em nossa sociedade, em que os negros são historicamente excluídos, suas oportunidades foram e muita das vezes ainda são negadas. E é partindo dessa perspectivas que enfocamos a importância de uma educação que desmistifique essa visão preconceituosa e depredatória em torno da população negra.

E ainda neste sentido de desconstrução de uma imagem opressora, colocamos o livro A cor da ternura como ponto de partida para a análise do negro em sociedade, onde este tem que vencer os obstáculos encima de sua condição étnico-racial impostos por uma sociedade segregadora que diferencia preto e branco muito mais que pobre e rico, nos mostrando assim que o preconceito é mais estabelecido sobre a cor de pele.

Geni era mulher negra e pobre vivendo em uma sociedade excludente, mas mostra que através de sua força de vontade foi capaz de superar todos os obstáculos que sua condição lhe impôs.

VII – Bibliografia

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SEF, 2004. Disponível: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> Acesso: 21/04/2014.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. A temática da África e do(a) negro(a) na sala de aula. In: ROCHA, Solange Pereira; FONSECA, Ivonildes da Silva. População negra na Paraíba. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

GUIMARÃES, Geni. A cor da ternura. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1990. – (Coleção canto jovem).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Políticas Afirmativas e Quotas: construção histórica do direito à igualdade substantiva. In: ROCHA, Solange Pereira; FONSECA, Ivonildes da Silva. População negra na Paraíba. Campina Grande: EDUFPG, 2010.